

PENSAR A QUESTÃO ECOLÓGICA: LIMITES

Roberto Gomes

Pensar a questão ecológica exige, antes de tudo, uma análise independente dos debates mais imediatos que invariavelmente se voltam para a denúncia de fatos espetaculares e de seus efeitos. Procuremos, então, conceitos capazes de precisar o lugar da questão ecológica, sondando as razões de seu aparecimento, os motivos de sua enorme capacidade de mobilização e a legitimidade de suas implicações filosóficas. Como se trata de uma primeira aproximação, terá de certo lacunas. Ainda assim, como em tudo o mais, é preciso dar o primeiro passo.

Um debate apaixonado

Há, antes de mais nada, o efeito espetacular.

Rios poluídos, mortandade dos peixes, ar envenenado, cidades cobertas de monóxido de carbono, destruição da camada de ozônio, desertificação, desaparecimento de espécies animais e vegetais, caos urbano, contaminação dos alimentos, superpopulação, fome, violência.

Imagens diante das quais a indiferença não parece possível.

A questão ecológica está em toda parte: é uma questão planetária. Virou assunto obrigatório e a cada momento velhos temas são reativados por este novo enquadramento. Os discursos se multiplicam aos milhares, a indústria editorial se ajusta à novidade – governantes e organizações da sociedade civil se reúnem para discutir os destinos do planeta.

A questão ecológica se apresenta como uma espécie de avesso do avesso. Sua forma espectacular ocupa a consciência do homem deste final de século e tem efeitos devastadores em sua confiança com relação ao futuro. Aliás, o futuro é agora colocado de forma muito especial: ele é antes ameaça e destruição – desastre – e, só depois, possível promessa de uma vida nova. Nos dois casos, limite.

Mas, se ficamos nestes efeitos espetaculares, será que tudo estará dito? Improvável. Cabe registrar a baixa repercussão desta problemática nos meios filosóficos brasileiros. Talvez, sob a pressão de uma ótica perversa, os profissionais da Filosofia não possam ver na questão ecológica mais do que isto: moda.

Um século “mediocre”

Os fins anunciados.

Este final de século parece se anunciar, e não apenas aos olhos de místicos e cabalistas, como uma espécie de fim dos tempos. Há não pouco tempo, aliás, o Ocidente vive assombrado com imagens a respeito dos fins. O fim da filosofia. O fim das utopias. O fim da história. O fim de Deus. O fim do Homem. O fim das ideologias. O fim do socialismo. Agora, com a eclosão da questão ecológica, o fim da vida e do planeta. Alguma coisa talvez esteja desmanchando no ar que respiramos.

Parece claro que os sonhos imaginados a partir do século XVII estão naufragando com rapidez. Naufrágio que se dá nas profundidades as mais diversas. De fato, com a vitória daquilo que Durkheim elogia sob o nome de “racionalismo científico”, o grande projeto ocidental, de início triunfante, desenvolve um tipo de concepção do Poder, do Estado, do Sujeito, do Sentido da História e inaugura a Era das Revoluções. Aquilo que era o combustível gerador das ciências empíricas, se disseminou em

todas as direções. Administração racional e planificada do Estado, controle das populações e das armas de governo, geração de formas mínimas e minuciosas de intromissão na vida de cada um via ciências humanas e seus sucedâneos, expectativa de uma realização plena da Razão na História nas mais diversas versões.

Mas, após um período de gigantismo, o Estado Zero se apresenta com promessas de uma modernidade capaz de redimir a Razão de seus fracassos. O Eu, soberano a seu tempo, sofre um colapso. As esperanças revolucionárias falecem, dando lugar, em muitos casos, a um cinismo radical. A Revolução, com maiúscula e muita agitação voluntarista, que governou nos últimos cem anos o coração dos mais generosos, se vê eclipsada.

Isso não ocorreu apenas no domínio social. A matéria e o universo newtoniano, estas coisas tão sólidas, pedras a partir das quais a Física e as Ciências ergueriam a sua igreja, se viram, com as Teorias da Relatividade e dos Quanta, desvanecidas: o par matéria/energia já não garante as mesmas visões seguras. Indeterminismo e probabilidade. Àquela imagem sólida e coerente do conhecimento científico, àquela concepção estável e segura, já não se pode oferecer senão alternativas inquietantes. Como disse Niels Bohr, “quem não se sentiu chocado com a teoria quântica não pode tê-la compreendido.”

Fica claro que o projeto do racionalismo científico está em questão. E que as projeções feitas, mais ou menos utopicamente, com relação às possibilidades de sua realização já não podem mais ser pensadas com o olhar apaziguado com que foram vistas no século XIX. Com efeito, todos os projetos sociais sonhados nos últimos duzentos anos tiveram uma carga muito forte de messianismo, anunciando simultaneamente a existência e o fim das contradições, dos sofrimentos, das limitações, da ignorância, da superstição, das divisões entre os homens e das divisões do homem dentro de si mesmo, anunciando, em suma, o fim dos limites – o que parece ser o solo comum de correntes que se degladiam desde sempre. Poucos – só os visionários – se deram conta de que tais sonhos escondiam de alguma forma o fim do mundo.

Emerge uma nova questão

Há, no entanto, um dado aparentemente destoante neste clima de catástrofe. Uma espécie de “diabolus in musica”. Ao mesmo tempo em que a humanidade checa seus limites e experimenta as suas possibilidades cada vez mais flagrantes de destruir a vida sobre a face do planeta, ressurge uma inquietação renovadora e um anúncio de novos tempos. No entanto, faz sentido: se um mundo acaba, outro se anuncia.

Toda a questão está em determinar, de um lado, que mundo acaba – indicando-se as razões pelas quais acaba e qual a natureza deste “acabar” – e, de outro, que mundo se anuncia.

Num certo sentido, que eu não pretendo rigoroso, o século XX poderia ser tido como um século medíocre. De fato, neste século estamos “apenas” vivendo as conseqüências de revoluções

iniciadas nos séculos anteriores. Os grandes projetos sociais, tanto capitalistas quanto socialistas, foram gerados há mais de cem anos. A explosão capitalista se universalizou pelo planeta, mas as sementes já estavam colocadas, restando apenas a sua germinação. O mesmo se pode dizer dos projetos socialistas. Durante a maior parte do século XX, uma fatia considerável de países ocidentais e orientais viveu a tentativa de experimentar transformações sociais a partir de concepções nascidas com Marx e Engels, no século passado. E mesmo naquelas partes do mundo onde o socialismo dito “real” não chegou a ser implantado, as atividades políticas, culturais, intelectuais, científicas e mesmo pessoais, foram profundamente transformadas pelos ideais socialistas. No que seria aparentemente “outra” área, a técnica experimentou um salto fantástico no século XX, mas não podemos esconder que o desvelamento, no sentido heideggeriano, que a permitiu, traz em si a concepção de ciência, de homem e de natureza, presentes no século XIX.

Neste sentido, o século XX pode nos parecer um laboratório de experimentações de idéias alheias. E, com efeito, foi neste século que determinadas idéias – o domínio da natureza pelo homem, o domínio do homem pelo homem, o planejamento da sociedade via Estado – foram desenvolvidas a seu limite.

Os limites do racionalismo científico

Isso seria pacífico não fosse o século XX, ao mesmo tempo e desde o seu início, um campo permanente de contestações aos projetos da modernidade. Quando Nietzsche começa a pensar, o faz como um anúncio de todas as críticas que virão e indica os fracassos aos quais o ocidente será submetido. Em 1900, Freud publica *A Interpretação dos Sonhos*: os limites da racionalidade moderna sofrem um profundo abalo. Com Einstein e Max Planck, o questionamento das noções básicas do pensamento moderno recebe um golpe decisivo.¹

O fato é que o século XX tem alguns méritos inegáveis: foi capaz de pensar e realizar projetos altamente férteis gerados no século XIX, soube conduzi-los às suas conseqüências e, quando o desastre se avizinhou, soube reconhecer o impasse a que foi levado. Não é tarefa pouca...

Hoje podemos nos permitir este olhar meio cético, meio desesperado, meio superior, com relação a nós mesmos e aos três séculos anteriores dos quais somos o fruto, justamente pela capacidade de viver ao limite os projetos neles gerados.

Sinais desta situação podem ser encontrados em todas as manifestações culturais, políticas, econômicas, filosóficas e científicas. Os impasses do socialismo real e dos projetos derivados do pensamento de Marx indicam a impossibilidade de um pensamento que, centrado na questão não desprezível da luta de classes, proponha uma alternativa que implique

¹A sensibilidade à questão dos limites das pretensões científicas é uma das marcas fortes do pensamento de Nietzsche e assinala a profunda percepção de um desastre anunciado. Como muito bem sintetiza Roberto Machado: *"Dominar a ciência é determinar seu valor no sentido de controlar a exorbitância de suas pretensões, no sentido de estabelecer até onde ela pode se desenvolver. É colocara questão dos limites."* Por tal razão, só haverá um renascimento da tragédia quando *"o espírito científico tiver atingido seus limites, e sua pretensão a uma validade universal tiver sido aniquilada."* (*Nietzsche e a Verdade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985, p. 48). Os limites que estão na nascente da questão ecológica apontam para o fim não só do racionalismo científico mas também o fim da racionalidade iluminista.

mudança efetiva de poder e não simples mudança de mando. Foram necessários oitenta anos de experimentação para que este impasse se tornasse óbvio. O que oferecia a proposta socialista exceto uma nova posse do poder de Estado para, então, se implantar, de cima, uma nova ordem de todas as coisas? Se este projeto fracassou, pouco importa quem exerça o poder – o que interessa é o poder exercido. Quando, em 1968, os muros de Paris foram pichados com a frase “é proibido proibir”, não se estava apenas fazendo um trocadilho, ou abusando da lógica, ou assumindo a contradição de forma irresponsável e impensada. Se estava, e só agora podemos saber disso claramente, declarando o fim da selvageria capitalista e do totalitarismo do socialismo real. O que não implicava – e não implica hoje – uma adoção do credo capitalista. Apenas se chegava a um fim, ou seja, ao limite. O fracasso do capitalismo e o muro de Berlim já eram denunciados nas barricadas de maio.

Com a queda do muro, no entanto, se tornou corriqueiro fazer a crítica do socialismo, às vezes de forma ingênua, às vezes com inegável má-fé. Vale assinalar que o fracasso do projeto capitalista não foi menor. Se no mundo socialista uma nova classe dirigente, uma corporação burocrática, roubou os sonhos libertários, não é menos verdade que os sonhos capitalistas produziram pelo menos a mesma quantidade de pesadelos. A miséria prolifera, as desigualdades são estarrecedoras, a brutalidade da vida sob o capitalismo chega às raias da selvageria. A pergunta é a seguinte: quantas Biafras são necessárias para uma Wall Street? Liberdade, igualdade e fraternidade não parecem ser a moeda corrente do mundo capitalista. A igualdade de oportunidades, a liberdade mesmo que de empreendimentos, a fraternidade entre pessoas e povos, sofreram várias fraturas neste período. Os países ricos, ao invés de competir e libertar, se comportam como tutores do mundo e foram capazes de ações brutais no desempenho desta função, estando a origem de sua riqueza vinculada à pilhagem a que foram submetidos os países colonizados. Mesmo no interior dos países ricos, a miséria e o sofrimento humano, a desigualdade, a falta de liberdade e a desorientação existencial oferecem um espetáculo assustador. Os gastos com armamentos e forças militares – que são apontados como chagas dos países sob o socialismo real – são imensos e, se usados noutra direção, bastariam para fazer desaparecer um percentual considerável de infelicidade humana. Em resumo, também o projeto capitalista naufragou, por mais que, frente à derrocada do socialismo real, pretenda se apresentar como a alternativa salvadora.

Uma questão planetária

É assim que chegamos, neste final de século, a limites definitivos. Eles são de natureza econômica, técnica, científica, política, cultural, existencial, ambiental e ecológica. Mas isso não é tudo. O mais importante é que a sua natureza é única na história da humanidade. Pela primeira vez experimentamos limites que

têm uma dimensão planetária. Esta é a razão pela qual eles não ocorrem apenas em algumas cabeças iluminadas, mas fazem parte do dia-a-dia de todos os homens. Os limites mudaram de natureza.

As questões com as quais estamos envolvidos hoje, e tudo indica que esta tendência aumente no futuro, não permitem soluções isoladas, puramente locais, já que os problemas têm repercussão planetária. Seja a questão da energia atômica, da população, da preservação do meio ambiente, da miséria e da violência, não há o que possa ser resolvido a partir de uma ótica que considere uma fatia do planeta como uma ilha.

E há um outro dado nesta questão, no aparência destoante. Se as soluções não podem ser puramente locais, tem sido a partir de ocorrências locais que assistimos a contestações globais da situação que vivemos. Movimentos sociais das mais diversas ordens têm colocado em questão, localmente, a rede global de poder que gera os impasses atuais. Tais contestações têm uma natureza diversa das mobilizações inspiradas no século XIX, sempre centradas numa visão particular de classe, burguesa ou operária, numa concepção do Estado e de sua ação transformadora, na presença do Partido e de seu papel dirigente, no lugar do intelectual e de sua atuação revolucionária. De alguma forma, uma espécie de pirâmide se inverteu. À visão totalizadora presente no século XIX sucede a visão globalizadora do século XX. Por isso, a primeira não foi capaz de conviver com a diferença, com o local, enquanto que a segunda instaura-se justamente a partir da diferença e do local.

A esperança marxista de que a classe operária representasse o elemento redentor – porque capaz de representar a universalidade – não era uma mera imagem delirante. No entanto, no curso da história se viu, de um lado, a burocratização do socialismo real e, de outro, a cooptação da classe operária para as benesses capitalistas. Por isso a esperança fracassou.

Sabemos agora que o projeto de Estado que fez fracassar o socialismo estava inspirado numa criação burguesa. Sabemos que as organizações partidárias libertárias não demoram, após a tomada do poder de Estado, a demonstrar o seu potencial tirânico. Sabemos que o sonho liberal só pode ser sustentado através da transformação de seu suposto inimigo, o Estado, em cúmplice dócil. Sabemos, enfim, que os projetos de libertação resultaram, de um lado, em tiranias e, de outro, em violenta exploração do homem pelo homem.

Mas os impasses se prolongam até as técnicas, não mais vistas como meros instrumentos, mas como materialização de uma criação do mundo. Onde irão parar nossas cidades? Qual o limite das concentrações urbanas? Qual o limite da fuga do campo? Como e onde deter a exploração exaustiva e assassina dos recursos naturais? De que modo pensar os limites para o poder dos cientistas, dos intelectuais, no direcionamento e manipulação do homem, da natureza e da sociedade? Em que

ponto traçar a linha que separa a ação política libertadora da ação escravizadora, que degrada o homem?

Os limites

Vivemos hoje a questão dos limites. Foi a isso que nos conduziu o século XX e é com isso que se assustam os que se dedicam a pensá-lo neste “fim de mundo”.

Seria o caso de procurarmos entender o que afinal significa esta experiência única, quando pela primeira vez na história se pensa uma situação planetária complexa. Pois, se for necessário buscar méritos para o século XX, no seu esforço de levar às últimas conseqüências os projetos do racionalismo moderno, poderíamos assinalar a dádiva que é estarmos radicalmente em questão. O caos, dizem os chineses, tem duas faces: perigo e oportunidade.

A situação do mundo hoje já não admite separações artificiais e nem mesmo divisões teóricas ou práticas entre os habitantes do planeta. Já não se trata do projeto de uma civilização específica, de um país, de uma ordem econômica determinada, nem de fazer prevalecer a ótica de uma classe, grupo ou segmento. O impasse ecológico nos coloca diante de uma questão global que a todos atinge e ameaça da mesma forma.

A questão é uma só: temos hoje um potencial destruidor nunca igualado e que permite a destruição, senão da vida, como assinalou Lovelock, ao menos da vida humana, da cultura humana tal como a conhecemos. E isso não diz respeito apenas ao capitalista ou ao socialista, ao patrão ou ao trabalhador, ao intelectual ou ao trabalhador manual. Diz respeito a todos. Este poderio atômico devastador, mesmo supondo que não venha a ser usado jamais, é no entanto sinal de um potencial destruidor ainda mais grave e profundo: a atitude predadora com que nossa civilização trata a vida em todas as suas manifestações. Se o arsenal atômico não for jamais detonado, o perigo maior, no entanto, permanece: se seguirmos intensificando o projeto técnico-econômico que nos caracteriza, o fim aponta para um inevitável suicídio. Por outro lado, caso não se faça um questionamento profundo, uma transformação radical de paradigma para se pensar as relações do homem com o homem, as explosões de violência urbana e rural tenderão a se ampliar cada vez mais e o fenômeno das gangues, das quadrilhas, dos fanatismos religiosos, raciais, dos guetos autocentrados, das nacionalidades enlouquecidas, se generalizarão, implantando uma situação que se definirá pela guerra geral de todos contra todos. Os sinais disso já são notórios: os grandes centros urbanos, de países de quaisquer dos mundos, são palcos diários desta guerra civil generalizada.

Opções

Portanto, não podemos imaginar, ingenuamente, que pelo simples fato de termos hoje o que se chama de uma consciência ecológica ou planetária, estejamos destinados ao melhor dos

mundos possíveis. Nada impede o suicídio. Nada impede que, justamente em situações-limite, aquilo que podemos considerar como mais primitivo e brutal venha a predominar. O genocídio e o saque dos povos indígenas tal como ocorreu nas Américas, o genocídio das populações africanas, o isolamento em guetos das populações tanto do Rio de Janeiro quanto de Nova York, indicam, simultaneamente, as conseqüências de um projeto sócio-econômico enlouquecido e os propósitos de uma luta de extermínio onde, face ao desastre geral, alguns desejam providenciar a própria salvação em detrimento do resto da humanidade.

É legítimo imaginarmos que só uma perspectiva capaz de pensar e superar esta rota de colisão, seja a alternativa correta. Mas, para tanto, é preciso que uma nova racionalidade ganhe terreno. Por isso a questão da sobrevivência do mundo tal como conhecemos exige que se repense os pressupostos sobre os quais os últimos trezentos anos de história foram construídos. Exige a crítica radical da racionalidade técnica e instrumental, da questão política como messiânica imposição aos outros daquilo que me parece ser a verdade, o questionamento da própria noção de verdade, o que implica reavaliar o que chamamos de ciência, conhecimento científico e filosofia. Afinal, foi destes titãs que se originou este mundo que agora aponta na direção do abismo; e é pela crítica do saber, como o disse Nietzsche, que deve começar qualquer alternativa pensável.

O fim das totalizações

Estas são as condições da questão ecológica. O que está no centro do redemoinho não é, como apontam detratores e sonhadores, a mera preservação do meio ambiente. Não se trata apenas de um pouco de verde a mais ou da simples defesa do jacaré ou do mico-leão-dourado. É preciso entender que o desaparecimento do mico-leão-dourado tem ligações com o projeto industrial capitalista. Portanto, se morre uma espécie no litoral brasileiro, a bolsa sobe em Londres ou Tóquio, assim como o bater de asas de uma borboleta na Amazônia pode modificar as condições de um vendaval na Flórida. É preciso entender que não se pode preservar as noções de conhecimento científico e filosófico que praticamos e pretender o fim das desigualdades sociais. Não é possível imaginar uma nova ordem mundial preservando-se o mesmo projeto técnico-econômico de esgotamento do planeta. Enfim, a questão ecológica aponta para a globalização – tanto física, material, quanto intelectual – das questões com as quais o pensamento tem que se haver neste final de século. Mas é preciso ter claro que esta globalização não é mais a messiânica imposição de uma verdade iluminada – socialista ou liberal – que retrate o “sentido” da história. Isto significa que as totalizações chegaram ao fim, pois há uma diferença a ser pensada entre globalização

e totalização. Esta última decorre precisamente do projeto anunciado por David Hume – “*Conhecer para dominar. Conhecimento é poder.*” – e está na origem da racionalidade moderna, que inicia com o domínio da natureza (ciências empíricas), se prolonga para o domínio do homem (ciências humanas) e expressa a ação política estatal que pretende moldar e aprisionar o futuro do indivíduo e da sociedade. Qualquer projeto ancorado na totalidade tem inevitavelmente um caráter totalitário. Em última instância, determina os que sabem e os que não sabem, os que mandam e os que obedecem, a porção beneficiada com a verdade e a porção que mergulha na não-verdade. Hoje, se optarmos pelo não-suicídio, precisamos renunciar aos delírios da razão totalitária. E não se trata de uma opção “científica”, mas de uma escolha entre o desastre e a recriação da vida.

O que chamo de globalização não tem nada a ver com construções teóricas “verdadeiras” e que, por serem “verdadeiras”, têm o direito de impor aos outros as suas “verdades”. A globalização que hoje vivemos não brilha na cabeça de algum ou alguns iluminados com acessos privilegiados à verdade, mas se dá na prática material e cotidiana do mundo atual. É por termos levado ao limite o projeto de exploração do homem e da natureza, já presentes no Iluminismo, que hoje estamos colocados nesta situação-limite trágica – e não meramente dramática – mas cujo privilégio não viabiliza nosso futuro. Nele poderemos encontrar o nada, a morte, ou a construção de um modo de viver o mundo como oportunidade e a vida como obra de arte.

Os sonhos de verdade que sempre estiveram presentes na Filosofia precisam agora reconhecer que talvez não viemos de nenhuma verdade e nem estamos nos dirigindo a verdade alguma. Pois outro grande mérito deste século é o de nos retirar do colo sereno e tirânico da verdade conquistada. E de nos colocar frente ao eterno dilema assinalado por Albert Camus, que em nossos dias alcança uma dimensão planetária: só há um problema filosófico, o suicídio.

Roberto Gomes é Escritor e Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba.